



Prática Educativa

MAPEAMENTO PARTICIPATIVO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO: experiência com estudantes do 3º ano do ensino médio em Barão Geraldo, Campinas (SP)

Rafael Pires De Araújo Dos Passos¹
r252170@dac.unicamp.br

Fernanda Cristina Zanni Pestana²
f168573@dac.unicamp.br

Resumo

O presente trabalho apresenta uma experiência didática com o uso do mapeamento participativo, realizada em novembro de 2024 com uma turma do 3º ano do ensino médio, no distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP). A prática educativa teve como objetivo despertar nos estudantes o interesse pelo território vivido e fomentar uma aprendizagem mais crítica e ativa. Estruturada em dois momentos, a atividade iniciou-se com uma aula expositiva-dialogada, conduzida a partir de questões norteadoras formuladas pelos proponentes e embasada por material confeccionado em PowerPoint. Em um segundo momento, desenvolveu-se uma oficina prática, na qual foi realizada coletivamente a marcação de um mapa base do distrito de Barão Geraldo, previamente elaborado, que representava os bairros Cidade Universitária, Vila Santa Isabel, Jardim Independência, Vila São João e Real Parque. Os estudantes foram convidados a identificar e localizar elementos relevantes de suas vivências cotidianas, como “residência dos alunos”, “pontos de ônibus”, “igrejas” e “espaços de lazer”. A manipulação desses elementos no mapa permitiu a vivência prática dos conceitos discutidos anteriormente, além de promover reflexões acerca do território usado, conforme proposto por Milton Santos. A prática reafirma a importância de metodologias interdisciplinares e participativas no ambiente escolar, especialmente no ensino de Geografia. O mapeamento participativo revelou-se uma ferramenta potente para que os estudantes desenvolvam um novo olhar sobre seu entorno, reconhecendo dinâmicas socioespaciais e atribuindo novos sentidos ao bairro onde vivem. Mais do que uma técnica, trata-se de uma abordagem que rompe com a lógica vertical do ensino tradicional e valoriza os saberes locais, contribuindo para uma educação emancipadora e territorializada.

Palavras-chave: Mapeamento participativo; Território usado; Prática cartográfica.

Introdução

A prática do mapeamento participativo em sala de aula configura-se como uma importante metodologia no ensino de Geografia, ao possibilitar que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos na produção do espaço. Nesse contexto, a presente prática educativa foi realizada com o intuito de dar voz aos discentes no processo de construção da aprendizagem. Essa dinâmica oportuniza aos alunos expressarem livremente o que percebem

¹ Rafael Pires De Araújo Dos Passos, graduando em geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

² Fernanda Cristina Zanni Pestana, graduanda em geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



e sentem quanto ao espaço vivenciado no dia-a-dia. O espaço tratado aqui, ultrapassa os muros da instituição, trata-se dos arredores da escola, das praças frequentadas, dos pontos de ônibus e até mesmo da própria residência. Voltar o olhar de cada aluno para estes espaços vai além da aprendizagem.

Ao perceberem onde vivem e de que forma esses espaços impactam suas vidas, os alunos tornam-se capazes de organizar-se em prol de uma gestão mais colaborativa do território (Souto, 2021). A proposta aqui discutida dialoga diretamente com a categoria do território usado, conforme definida por Santos (1999). Reconhecer-se como parte constituinte desse território é um passo fundamental para a formação do sujeito político, aquele que compreende sua realidade, participa ativamente dela e busca transformá-la.

É importante considerar que o ensino de Geografia, na educação básica, muitas vezes se apresenta de forma abstrata para os estudantes. No Ensino Fundamental, a disciplina costuma ser percebida como um amálgama entre História e Ciências; já no Ensino Médio, diante da pressão pelo vestibular, muitos professores a abordam com ênfase em atualidades. Ainda assim, há um elemento que se mantém como referência entre os alunos: os mapas! Tal associação, à primeira vista positiva, esconde uma contradição, apesar do reconhecimento da importância dos mapas, esses recursos vêm sendo gradualmente substituídos por imagens e figuras nos livros didáticos (Oliveira; Wenceslau, 2010).

Mesmo que observado um padrão, os mapas continuam sendo usados amplamente no ensino de geografia. No entanto, persiste outro desafio: o conteúdo ensinado nas aulas de geografia nas escolas estaduais e municipais, praticamente dizem respeito às escalas que vão muito além da realidade dos alunos, deparando-se com uma certa abstração. Portanto, nesse cenário, propõe-se a aplicação do mapeamento participativo na escola como instrumento de aprendizagem. Através da etapa de “alfabetização cartográfica” (Dagnino; Carpi Junior, 2016), buscando que os discentes aproximem-se dos conceitos fundamentais da cartografia para posteriormente aplicá-los na prática.

Ao abordar o mapeamento participativo, é importante destacar que o mesmo não se trata somente de uma cartografia coletiva. Portanto, é necessário compreendê-lo em sua essência. Para Araújo et al., (2017), o mapeamento participativo diz respeito à um instrumento de gestão do ramo das ciências geográficas, cujo objetivo é auxiliar as tomadas de decisões do território, baseado na prática cartográfica aplicada pela comunidade e auxiliada por um geógrafo e cartógrafo. Souto (2021), aponta que a importância do mapeamento

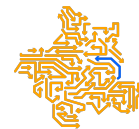


participativo reside em refletir a agenda local através da ótica da comunidade. No entanto, para que tal prática atinja seu objetivo, é necessário seguir alguns parâmetros metodológicos pré-estabelecidos pela comunidade científica. Na prática escolar apresentada neste trabalho, seguimos os princípios sugeridos por Souto (2021), onde a prática foi elaborada visando que os participantes tivessem acesso, propriedade e confiança no processo e material que estava sendo produzido coletivamente.

Além disso, deve-se levar em consideração suas diversas formas de realização, variando entre práticas digitais, manuais e híbridas. O método escolhido no presente trabalho foi o “Mapeamento com Suporte de Mapas e Imagens”. Trata-se da prática de mapeamento participativo onde os mapeadores da comunidade trabalham sobre uma carta já impressa. Entretanto, vale destacar que, diferente das práticas convencionais utilizando do suporte de mapas e imagens, na prática escolar em questão, não utilizamos uma película transparente sobre a carta, desta maneira, as marcações foram realizadas diretamente no mapa base.

Essa prática mostra-se importante por dois motivos: (1) dar sentido aos conceitos explicados em outro momento; (2) formar cidadãos ativos socialmente. A utilização do mapa dos bairros frequentados pelos alunos (inclusive a escola), os leva à refletir o espaço de maneira mais profunda, uma vez que os conceitos se conectam com a realidade a partir do momento em que eles conseguem situar-se naquele espaço representado em carta. Entretanto, tal prática vai além do “situar-se”. Busca-se por meio do mapeamento participativo o incentivo à participação política e ativa dos espaços do cotidiano desses alunos através do “reconhecer-se” como parte destes espaços. Ao compreender sua importância nesse contexto, estes alunos podem construir uma cidadania que possibilite ações políticas que partem das demandas locais (Santos, 1999).

Nessa perspectiva, foi proposta e realizada pelos autores a prática educativa intitulada “Elementos da cartografia e mapeamento participativo”, como parte da conclusão da disciplina EL874 – Estágio Supervisionado II. Ao longo da disciplina, foram acompanhadas as aulas de Geografia das turmas do 3º ano A e B, com a realização de atividades de observação, apoio didático e aplicação da prática educativa. Ressalta-se a relevância do estágio em sala de aula para a formação do professor de Geografia, visto que a docência é experienciada na prática, permitindo desconstruir antigas concepções e construir, a partir da vivência, novas técnicas pedagógicas.



Metodologia

A prática educativa foi realizada na Escola Estadual Hilton Federici, localizada na cidade de Campinas (SP), no distrito de Barão Geraldo. A instituição oferece atendimento nos períodos da manhã, tarde e noite, abrangendo turmas do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A prática foi aplicada especificamente com a turma do 3º ano B do Ensino Médio, no período matutino, durante o desenvolvimento da disciplina EL874 – Estágio Supervisionado II.

A proposta da atividade “Elementos da cartografia e prática participativa cartográfica” surgiu a partir das vivências cotidianas dos estagiários com a turma. Observou-se a necessidade de proporcionar aos alunos uma imersão no território usado, ou seja, no entorno escolar, articulando essa proposta com o cronograma de conteúdos previamente estabelecido pelo docente responsável.

Percebeu-se que muitos alunos percorrem diariamente os mesmos trajetos de forma mecânica e horizontal, ou então compreendem o espaço apenas por meio de ferramentas de navegação digital, como o GPS. Nesse sentido, a prática participativa cartográfica foi pensada como uma estratégia pedagógica capaz de ressignificar o olhar dos estudantes sobre o território em que circulam, estimulando a percepção crítica na construção do conhecimento geográfico.

Portanto, foram preparados dois materiais, o primeiro em powerpoint, permitindo pontuar os elementos da cartografia e exemplificar a prática, e o segundo foi o mapa base em si, posteriormente marcado pelos alunos.

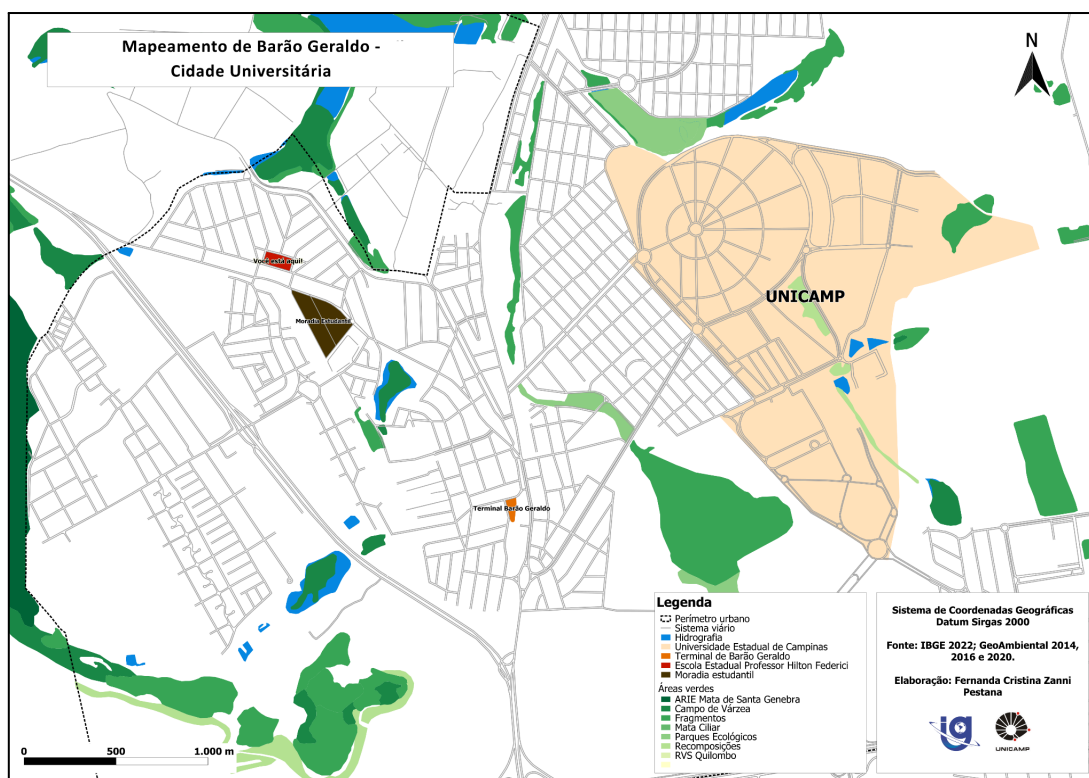
A primeira etapa da prática consistiu na elaboração de um material expositivo em formato de apresentação (PowerPoint), no qual foram abordados os seguintes conteúdos: o conceito de cartografia, os elementos que compõem um mapa, as técnicas cartográficas aplicadas à prática e, por fim, a importância e as possíveis aplicações dessa abordagem na leitura e representação do espaço vivido.

A aula teve como objetivos: apresentar o que é a cartografia, identificar os principais elementos cartográficos, relacionar mapas com o cotidiano dos estudantes, compreender o espaço geográfico habitado e analisar a dinâmica do bairro em que a escola está inserida. Essa abordagem teórica buscou fornecer os subsídios conceituais necessários para a etapa prática, permitindo que os alunos tivessem uma base sólida para refletir sobre seu território e representá-lo de forma crítica.



Na segunda etapa, foi elaborado um mapa base intitulado “Mapeamento de Barão Geraldo – Cidade Universitária” (Figura X). O mapa foi elaborado pelo software QGIS e contempla os seguintes bairros do distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP): Cidade Universitária, Vila Santa Isabel, Jardim Independência, Vila São João e Real Parque. Além disso, foram destacados pontos de referência comuns aos alunos, como a Escola Estadual Hilton Federici, a Moradia Estudantil da Unicamp e o Terminal de Ônibus de Barão Geraldo, com o objetivo de facilitar a localização espacial e estimular a relação afetiva e crítica com o entorno escolar. Por fim, o mapa marcado foi vetorizado pelo software QGIS.

Figura X - Mapa base utilizado na prática educativa



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Realização da prática educativa

Conforme apresentado na metodologia, a prática educativa teve início com uma conversa inicial com os alunos, conduzida a partir de perguntas norteadoras, como: “O que vocês conhecem sobre cartografia?”. Dois estudantes prontamente compartilharam suas percepções, o que possibilitou a abertura para a apresentação do conceito de cartografia e sua relevância histórica, destacando que o mapeamento antecede até mesmo o surgimento da escrita, conforme discutido por Silva e Brito (2019).



Na sequência, foi questionado à turma quais elementos compõem um mapa. Os alunos mencionaram a legenda, o título, o corpo do mapa e a orientação. Em complemento, foram apresentados outros elementos essenciais como a informação cartográfica, a fonte e a grade de coordenadas (IBGE, 1999).

Dando continuidade à abordagem teórica, questionou-se se os alunos já haviam escutado ou sabiam da possibilidade de realizar práticas cartográficas, todos responderam negativamente. Diante disso, foi explicitado o conceito e os objetivos dessa metodologia (Araújo et al., 2017; Souto, 2021), seguido da exibição de um vídeo que apresentava um projeto chamado “Um país chamado Grajaú”, desenvolvido em uma escola localizada em São Paulo (SP). A exibição do vídeo foi fundamental para despertar o interesse dos estudantes, pois evidenciou como os alunos podem assumir um papel ativo na construção do conhecimento geográfico, além de ressignificar o olhar sobre o espaço em que vivem. O material possibilitou reflexões sobre a atuação da escola como agente transformador do território e da percepção dos alunos em relação à sua própria comunidade.

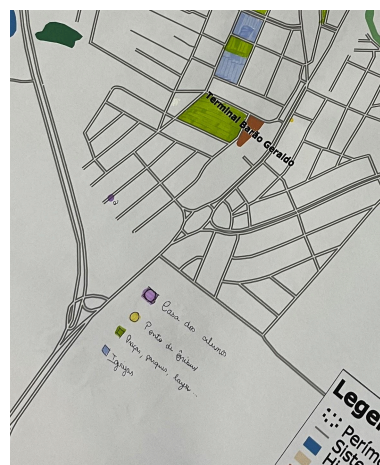
Após a exposição do vídeo, foi realizada a oficina “Mapeamento de Barão Geraldo – Cidade Universitária”. Nesta etapa prática, os alunos foram convidados a propor temas relevantes, discuti-los entre si e localizá-los coletivamente no mapa base (Figura X1).

Figura X1 - Alunos marcando no mapa base.



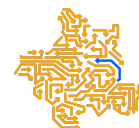
Fonte: Registro realizado pelos autores (2024).

Figura X2 - Categorias criadas pelos alunos.



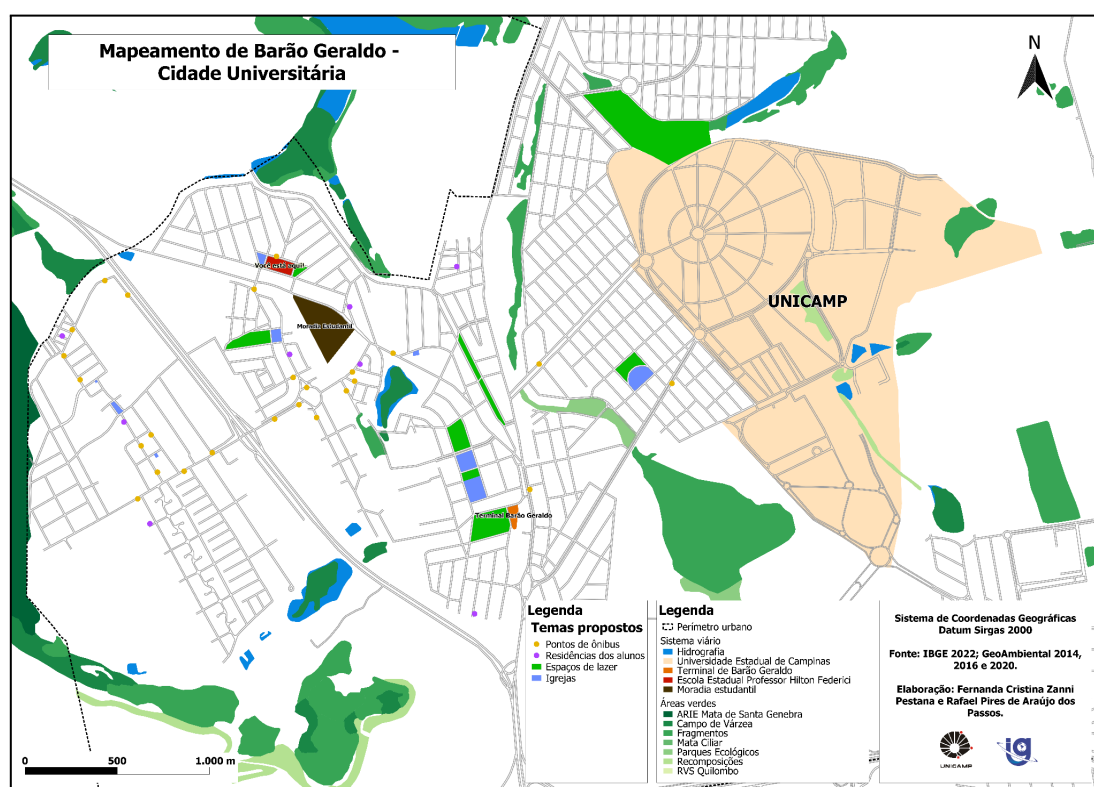
Fonte: Registro realizado pelos autores (2024).

Os temas definidos foram: residências dos alunos, pontos de ônibus, igrejas e espaços de lazer como praças e parques (Figura X2). Ao discutirem sobre os temas e a localização de cada ponto, os estudantes realizaram as marcações no mapa, manipulando a legenda, os símbolos e os elementos cartográficos.



Como produto final, foi elaborado um mapa coletivo e vetorizado (Figura X3), materializando conhecimentos locais, afetividades e vivências dos alunos, permitindo-lhes aplicar na prática os conceitos abordados na aula teórica. A atividade promoveu alta participação dos estudantes, que se engajaram nas discussões e se aproximaram entre si ao reconhecerem locais de vivência comum, reforçando o sentimento de pertencimento ao território.

Figura X3 - Mapa final



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Durante toda a prática, adotou-se uma perspectiva indisciplinar, compreendendo que a prática participativa cartográfica tem como princípio dar voz aos moradores e sujeitos do território, valorizando seu conhecimento experiencial. No ensino de Geografia, entende-se que é essencial desenvolver práticas educativas que conectem o conteúdo escolar ao espaço vivido pelos estudantes, rompendo com a abstração conceitual e valorizando os saberes cotidianos.

Assim, utilizar a prática participativa cartográfica como estratégia didática com jovens e adolescentes mostrou-se uma abordagem pertinente, pois favorece o olhar crítico e sensível



ao território, promovendo o reconhecimento das horizontalidades presentes no espaço escolar e comunitário.

Conclusão

A realização da prática educativa utilizando o mapeamento participativo como estratégia didática no ensino de Geografia fomentou o desenvolvimento da professoralidade dos proponentes, assim como a formação crítica dos alunos, ao valorizar os saberes locais e romper com a abstração conceitual presente em muitos conteúdos curriculares. A escolha metodológica adotada reforça um dos princípios centrais do mapeamento participativo: dar voz à comunidade escolar e evidenciar suas necessidades a partir da construção coletiva do espaço vivido.

Nesse sentido, torna-se fundamental que práticas pedagógicas dessa natureza sejam incentivadas no ensino básico, pois contribuem para a formação de uma cidadania ativa, pautada na gestão democrática e participativa dos territórios. Considerando que o mapeamento participativo tem, como um de seus principais objetivos, o empoderamento de grupos sociais historicamente marginalizados, sua aplicação em contextos escolares representa um passo importante para a construção de uma base juvenil consciente de seus direitos, responsabilidades e potencial transformador.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Franciele Eunice; ANJOS, Rafael Silva; ROCHA-FILHO, Gilson Brandão. Mapeamento participativo: conceitos, métodos e aplicações. **Boletim de Geografia**, v. 35, n. 2, p. 128-140, 2017.
- DAGNINO, Ricardo de Sampaio; CARPI JUNIOR, Salvador. História e desafios do Mapeamento Ambiental Participativo no Estado de São Paulo. In: DIAS, L. S.; BENINI, S. M. (org.). **Estudos ambientais aplicados em bacias hidrográficas**. 2. ed. TUPÃ-SP: ANAP, 2016. p. 11-27.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Noções Básicas de Cartografia**. Manuais Técnicos em Geociências. N° 8, Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
- OLIVEIRA JR, WENCESLAO M.; GIRARDI, Gisele & PAES, Maria Tereza (orgs). Dossiê Imagens, geografias e educação. **Revista Educação Temática Digital-ETD**, Faculdade de Educação/Unicamp, Campinas. (2010). Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index> Acesso em: 17 de Out. 2024



SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, p. 15-26, 1999.

SILVA, Marcus Vinicius Chagas da; BRITO, Érika Gomes. **Cartografia**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2019. Disponível em:
<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/552595/2/Livro%20Cartografia%20.pdf>.
Acesso em: 12 de Out. 2024.

SOUTO, Raquel Dezidério; MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto. Mapeamento participativo e cartografia social: aspectos conceituais e trajetórias de pesquisa. **Instituto Virtual para Desenvolvimento Sustentável - IVEDES.org**. Rio de Janeiro, RJ, 2021, p. 15-60.